



# Fim do mundo infinito

**Rita Marisa Ribes Pereira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8605-3394>

## Introdução

Este texto foi construído a partir da problematização dos sentidos que emergem quando se evoca a ideia de fim do mundo. Em que condições essa ideia é mobilizada? O que, exatamente, se nomeia como mundo, quando se cogita seu fim iminente? Que lugar as crianças ocupam na produção e/ou circulação dessa narrativa? Perguntas como essas compõem o eixo central deste ensaio de abordagem filosófica, que busca tensionar o miúdo da vida cotidiana com seus contornos políticos mais amplos, globais e globalizados.

## Antinomias

Figura 1 – Pirâmide de Tlachihualtepetl e Igreja Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Acervo da autora

Na Figura 1, é possível observar a Pirâmide de Tepanapa, localizada em Cholula, no México<sup>1</sup>. Foi ao contemplar essa imagem que a ideia de fim do mundo se apresentou radicalmente como uma questão, sendo essa a perspectiva adotada neste trabalho. Com data de construção estimada em torno do Século III a.C., a Pirâmide Tlachihualtepetl, que em *náuatle* significa “montanha feita a mão”, é considerada o maior edifício piramidal do mundo.

---

1 Missão de Pesquisa na Universidade Veracruzana pela Programa CAPESPrint.

No topo da pirâmide, como visto na Figura 1, há uma igreja católica, Nossa Senhora dos Remédios, construída em 1590, como um dos marcos da invasão espanhola nas Américas e do extermínio sanguinário dos povos originários da região de Puebla pelas tropas de Cortez (LEÓN-PORTILLA, 2009). Que é indagar sobre “fim do mundo” em presença desse paradoxal conjunto arquitetônico – pirâmide e igreja amalgamadas? Quantos tempos se entrecruzam em suas camadas e em suas entranhas?

Construção de igrejas cristãs sobre templos de outros cultos, reutilizando as próprias pedras dos templos destruídos, foi prática corrente da colonização. No entanto, o que chama a atenção nesse caso é o fato de que essa pirâmide permaneceu subterrada e oculta até o recente ano de 1993 e, ainda hoje, está apenas parcialmente colocada à mostra. Os povos que ali viveram podem ter abandonado o lugar por volta do Século IX d.C. motivados pela escassez de água e as consequências desta para uma população dedicada à agricultura. Construída em pedras de adobe – barro cozido cuja umidade favorece a germinação de plantas –, a pirâmide pode ter ficado cerca de 1000 anos encoberta pela vegetação, como uma simples montanha, sendo hoje, simultaneamente, o elemento mais antigo e “o mais recente” naquele lugar.

Para que as águas lhe fossem facultadas, já por volta do Século IX d.C., de acordo com as placas explicativas do Sítio Arqueológico, “os campesinos pediam ajuda aos sacerdotes, com quem subiam ao topo das montanhas próximas, em cerimônias para o Deus Tláloc. Essas cerimônias consistiam em sacrificar crianças, pois acreditavam que, ao morrer, elas pediriam água para todos”. Aqui se apresenta uma pista sobre o lugar social das crianças naquele contexto e sociedade: se por um lado, as crianças estão postas no lugar do sacrifício, e isso, culturalmente, nos impacta; por outro, há que observar seu lugar de autoridade ao deterem o poder de falar com os deuses, numa cultura que não trata(va) a morte como fim absoluto, mas como soleira entre mundos.

Encarapitada sobre a pirâmide, a igreja se oferece como signo do “Novo Mundo”, alcu-nhado por uma Europa em decadência. Disso resulta uma história contada pelos vencedores (BENJAMIN, 1987), como se nossa existência fosse dada pela chegada dos colonizadores, cabendo a quem aqui aporta dizer quem são aqueles que já estavam, num jogo de cobrir e descobrir. León-Portilla (2009) e Galeano (1980) reforçam a importância de um esforço sistematizador para uma recomposição da história narrada sob a visão dos vencidos, registrada em gramáticas e semióticas próprias. Mas como reconhecê-las, se ao longo do processo de colonização, com o apagamento de nossas marcas originárias, fomos nos tornando estrangeiros para nós mesmos, um certo arremedo do colonizador?

Tomando a colonização como uma das expressões fundadoras da modernidade, encontraremos ali centelhas para a emergência de uma concepção de infância necessária politicamente para um velho mundo que, ao contrário de colocar-se em fim, proclama-se em Renascimento. A ideia do “bom selvagem” (e a sua negação) transmuta-se em diretrizes preparatórias para a educação das crianças dessa nova sociedade em emergência. No entanto, León-Portilla (2009) e Galeano (1980) mencionam a presença de crianças nas caravelas de Colombo e nas investidas de Cortez, trazidas da Europa como marujos ou utilizadas como iscas nas estratégias de dominação. A escravização de pessoas africanas como parte desse ideário colonizador é uma variável dessa “nova” ordem (capitalista, científica e liberal) que adotou a desigualdade como premissa fundante.

Propagandeando o progresso como terra prometida, o capitalismo acaba por criar seu próprio pensamento mágico, para usar uma expressão de Krenak (2021). Supondo-se científico, renega o pensamento mágico supostamente “atrasado”, como tudo aquilo que não nasça da sua ordem. O desenvolvimento – palavra-guia para a colonização da própria infância – tornar-se-á um desenvolvedor dessa desigualdade. Cambiando impérios, refinando a colonização nas ditaduras, no extrativismo e no consumo, a geopolítica mundial se redesenha historicamente associando desenvolvimento econômico ao controle da natalidade. “O novo sistema não previu esta pequena chateação: o que sobra é gente. E gente se reproduz” (GALEANO, 1980, p. 16). Há, portanto, crianças para serem educadas e paparicadas, outras que podem ser exterminadas.

Enquanto escrevo, a televisão noticia a morte de uma criança. Mais uma entre os 3402 crianças e adolescentes (0-17 anos) assassinados entre os anos de 2014 e 2023 nas favelas do Rio de Janeiro por violência policial, expressão da manutenção do projeto colonial (GELARD, 2023). Numa língua que já não (re)conhecemos mais, crianças-sacrificadas, crianças-iscas, crianças-famintas, crianças-sobra nos interpelam. Fins de mundos não nomeados.

Correndo o risco de uma abreviação histórica irresponsável, o sentimento de colocar-se à frente dessa pirâmide-igreja que atravessa este texto como esfinge é também o de pensar em todas as camadas de tempo e de vida que se colocam entre sua materialidade e o nosso olhar, neste Século XXI. Como numa cena cinematográfica em que a câmera gira 180º (imaginários deste nosso tempo) o sentimento é de que o lugar de indagação se altera e que, de repente, somos nós que passamos a ser interpelados por esse imenso conjunto arquitetônico e por todos os mundos – findos, nascentes ou em devir – que se colocam entre nós. Se o futuro é ancestral, como sentencia Krenak (2021), não há como escapar ao crivo dessa interpelação: o futuro – nosso presente – já estava ali.

## Polissemias

Figura 2 – Velhos e Crianças<sup>2</sup>



Fonte: Acervo da autora

Que sentidos se colocam em pauta quando a expressão “fim de mundo” é pronunciada? Que mundos sociais e culturais colocamos em cena quando a evocamos no miúdo do cotidiano? Pensando nessas questões, e em diálogo com a Figura 2, lembrei-me de que a primeira vez que ouvi a expressão *fim do mundo*, foi no início dos anos 70, ainda criança, escutando novelas de rádio com minha avó materna, nascida no ano de 1900, num distrito do interior profundo do Rio Grande do Sul. Depois de seis décadas vividas na zona rural, ela se mudou para a cidade, como tantos outros pequenos agricultores deslocados pelo êxodo dos anos de 1960. Lembro-me de que a trama da novela apresentava as agruras de um amor proibido atravessada por um burburinho em torno do fim do mundo. Minha avó, discutindo com as personagens, costume que herdei, vez ou outra pontuava: “Pataquada!”. Ela me contou, depois, numa de suas “histórias do tempo antigo”, que quando era pequena também diziam que o mundo ia se acabar por causa da passagem de um cometa. “Bobagem que essa gente inventa”. “Diziam que o mundo

---

<sup>2</sup> “Viejos”. Escultura do acervo do Museu de Antropologia de Xalapa – México. Lê-se na placa explicativa. “Na região Azteca existe uma divindade representada por anciãos que se encontram numa plataforma com as costas encurvadas e as mãos apoiadas em um bastão com a forma de uma criança ou de uma serpente. Os deuses velhos guardam estreitos laços com ideias de criação e fertilidade”.

ia se acabar e ele tá aí até hoje”. Ironicamente, faleceu em data próxima à passagem seguinte do Cometa Haley.

Não me lembro se, quando criança, formulei uma ideia de fim do mundo. Em perspectiva, avalio, hoje, que minha avó, ao conversar comigo, procurou aplacar um possível medo que nem sei se tive, mas que, provavelmente, ela teve. Penso que aquela novela colocava em cena uma abordagem moral sobre o casamento – o protagonista era desquitado – num momento de iminente aprovação do divórcio em território brasileiro. Um sentido moral. Havia, portanto, uma polissemia na ideia de fim do mundo.

Interessada em averiguar essa polissemia, construí, para este texto, uma conversa a partir da minha rede de familiaridade com 5 crianças e com 5 pessoas mais velhas, com idades entre 5 e 100 anos, de diferentes regiões brasileiras, no intuito de saber se e como esse tema habita(va) seu imaginário na infância. Com sua concordância – e dos responsáveis, no caso das crianças – são apresentados pelo primeiro nome, idade e estado de residência. As conversas aconteceram de forma remota, gravadas em áudio, vídeo ou por escrito.

Escutando Glorinha (76, BA), entendi um pouco mais os cuidados de minha avó:

Quando era criança, o que mais eu ouvia falar era em fim de mundo. Tanto que eu nem vivia direito pensando no fim do mundo, porque se eu cantava, minha mãe dizia assim: “não fica aí cantando”. Não podia fazer isso, não podia fazer aquilo por causa do fim do mundo [...] Aí eu ficava muito, assim, muito impressionada com aquilo, preocupada com o fim do mundo. Ficava me perguntando: “meu Deus, como é que vai ser esse fim de mundo? Como é que a gente vai se acabar?” Eu ouvi muito falarem do fim do mundo, foi o que eu mais ouvi na minha vida, quando era criança, era falar no fim do mundo [...]. O pessoal de antigamente era assim, acreditava nalguma coisa e metia na cabeça da gente que era aquilo mesmo [...] Eu lembrei outra coisa: eu ouvia tanto falar em fim de mundo que quando eu ia pra escola eu ficava pensando assim: “mas meu Deus, eu fico indo pra escola todo dia, mãe dizendo que eu tenho que estudar [...] pra que estudar se o mundo vai se acabar daqui uns dias?” Eu perguntava assim a minha mãe: “mãe, por que que a gente vai pra escola?” Ela dizia: “pra aprender, minha filha, pra aprender e pra não ficar burro que nem eu [...]”. Eu dizia: “Mas mãe, o mundo não vai se acabar daqui uns dias? Pra que a senhora fica mandando a gente pra escola?” Ela dizia: “O mundo vai se acabar mesmo, mas a gente não sabe quando. Então, enquanto não se acaba, a gente tem que estudar, tem que fazer qualquer coisa aí” [...].

Em temporalidades distintas, a circulação de discursos sobre o fim do mundo também se mostra bastante familiar na infância de Davi (6, RS), que narra o fim do mundo de maneira espetacular, sugerindo uma concepção mediada pelas tecnologias:

Rita: Davi, você já ouviu alguém falar em fim de mundo?

Davi: Claro! É assim, ó: [faz gestos expansivos com o corpo todo] muita fumaça, fogo, explosão e Pá!!! Explode tudo! Acaba tudo! Pá!

Rita: Tudo? Tudo mesmo?

Davi: Tudo! Tuuuuuudo! [faz um silêncio, pensa] E eu?

Rita: Então, e você? O que acontece?

Davi: Não sei. Vou lá que o meu pai chegou.

Tanto Davi (6, RS) quanto Glorinha (76, BA), mais do que apresentar os discursos que escutam/escutavam sobre fim do mundo, se colocam deliberadamente como parte desse mundo sobre o qual narram. Glorinha fala do seu sentimento de preocupação quando criança e de como foi, ao longo da vida, revisando suas interpretações. Inclusive ao longo de nossa conversa, quando volta a me procurar para acrescentar novos elementos, entremeados por afirmações como as seguintes:

Eu fico vendo como é importante prestar atenção nas coisas que a gente diz para as crianças. [...] Eu não sabia que ser criança tinha importância. Porque na minha época criança não tinha importância. Hoje vejo que tudo que a gente viveu tem importância. Por isso eu gosto de falar quando me perguntam.

Davi (6, RS), por sua vez, inicia construindo uma cena na qual se coloca como espectador. O mundo está à sua frente, se acabando em meio a efeitos especiais de fumaça e fogo sob o comando de seus gestos. No entanto, ao afirmar que “tuuuuuuudo” se acaba, depara-se com a desconfiança sobre sua própria finitude: “E eu?” A chegada do pai o salvou, se não do fim do mundo, ao menos dessa conversa à qual queria dar fim.

Victor (10, DF), que foi indicado por um amigo em comum por ser um “aficionado”, traz o estudo como uma outra forma de distanciamento na relação com o tema:

Rita: Me disseram que você é um aficionado no tema do fim do mundo. O que isso quer dizer? Me conta [...].

Victor: Eu gosto desse assunto. Gosto de coisas sobre mistérios, ciência, sobre estrelas que são descobertas, profecias, essas coisas [...].

Rita: E o que você já estudou sobre fim do mundo?

Victor: Ah, tem muita coisa. Eu gosto de ver as profecias, as coisas que pessoas deixam escritas, aí todo mundo fica querendo ver se era verdade ou se era fake news [...]. Tem umas paradas que só dá pra entender muito depois e outras que, acho, não vai se entender nunca. Eu vi um filme que falava do Nostradamus. E vi o desenho do calendário Maia. O mais bizarro foi o do bug do milênio, mas isso não tem nada a ver. Esquece.

Rita: Quanta coisa! Como estudioso, o que você me diz sobre fim do mundo?

Victor: Vou te dizer, tipo assim, ó: eu não acredito. Minha mãe tem medo que eu fique impressionado, mas na verdade eu não acredito no fim do mundo, não me preocupo. Eu gosto é de ver os cálculos que eles fazem, os mistérios [...] eu sou meio detetive. Pra mim, é como uma cápsula do tempo. É isso. A gente fez lá na escola. Pra abrir quando a gente terminar o Ensino Médio.

Rita: Estou curiosa para saber o que escreveu [...] uma profecia? Sobre o fim do Ensino Médio? Será o fim do mundo?

Victor: [Dá uma gargalhada] Vai ter que esperar. A gente jurou segredo.

João (92, MT) fala de sua infância e de transformações que percebe, na natureza e nos discursos:

Rita: Então, seu João, quando o senhor era criança, o senhor ouvia falar em fim do mundo?

João: Ah, falavam muito. Pra dizer a verdade, em muitas ocasiões eu ouvi falar em fim de mundo. Com 92, quase 93, a gente já ouviu muita coisa, né? Mas eu lembro que minha vó, que era uma pessoa muito boa, mas era dessas beatas, eu lembro que ela é quem mais falava em fim do mundo. Era uma coisa que um dia ia chegar de repente, o apocalipse. Ela fazia isso era pra botar medo na gente, coitada, pra gente ficar quieto, não teimar. Era pra mais de dez crianças. Naquela época as crianças se criavam juntas. Os pais, as mães iam pra lida e a petizada se esbaldava. [...] nunca me assustei com isso de fim de mundo [...].

Rita: Então, não existe fim do mundo?

João: Eu acho que o mundo acaba todos os dias, só que muita gente não vê. E o pobre tem que trabalhar. Não tem jeito. Veja só, meu pai plantou a vida toda. Na terra dos outros, que dizem até que pegaram a terra dos índios. E a gente passava fome. Passei muita fome quando era criança. Dez bocas. Por isso eu entendo a minha avó. Era o jeito dela. [...] hoje em dia quase não se fala [em fim do mundo], só coisa de televisão ou de fanático. Ah, eu até que falo. Mas é só na hora de pagar o mercado e quando o Araguaia perde. Tô brincando, que a gente também tem que brincar, né? Mas eu sou uma pessoa informada. Sei que hoje falam do clima, da água. Não tem coisa mais triste que não poder pegar mais água pra beber aqui nesse arroio, que a gente fazia frege quando era criança. Peixe não dá faz tempo. Mas isso não tem nada de fim de mundo. É a ganância. Eles preferem falar que é o fim do mundo, porque se é o fim do mundo, quem foi? Entendeu?

Maria Luiza (12, RJ) trouxe uma perspectiva ecológica, destacou as tensões políticas em torno do tema, sem deixar de lado pitadas de bordões de personagens da mídia:

Eu acho que o fim do mundo vai ser quando acabar com as florestas, com os mares e os animais. Vai ter uma extinção porque o ser humano não toma conta, sabe? Não sabe tratar muito bem a natureza e os animais [...] então vai ter uma extinção geral. A maioria dos animais vão ser extintos. E vai ter uma guerra literalmente mundial, e vai ter gente querendo defender a natureza e gente não querendo. E aí vai começar uma guerra, os continentes, esses países, aí vai começar uma guerra. Vai ter gente querendo também que fique todos os continentes juntos e outros falando que não, que preferiam como antigamente. Vai ser uma guerra. Bum! Bum! Bum! Briga! Briga! Briga! Uma confusão. Eu acho que é isso.

Renato (85, PA) menciona também as guerras:

Lembro que quando era pequeno se falava muito da guerra. Me criei ouvindo falar em guerra. Isso que era falado de fim de mundo. Diziam que no estrangeiro já tinha uma bomba que podia despedaçar a terra. Eu acho que era invenção de uns pra deixar os outros com medo. Mas é isso, falavam muito em guerra. E até hoje. Na televisão é só disso que falam. Nem dá gosto ver. Até as crianças sendo morta. Desse jeito o mundo vai acabar mesmo.

Moisés (5, AM) relaciona a ideia de fim de mundo com as idades da vida:

Rita: Moisés, você já ouviu falar em fim de mundo?

Moisés: É quando a gente fica velhinho, velhinho, velhinho e morre.

Valmir (78, RS) apresenta sua análise construída de forma historicizada:

Sobre o fim do mundo vou tentar simplificar a minha opinião sobre o assunto. Eu, quando era criança, como já falei, ouvia sempre a vó e outras pessoas afirmarem que “em 2000 chegaremos, mas de 2000 não passaremos”. Quase sempre estas afirmações se davam em função das convicções religiosas das pessoas. Eu, através dos tempos fui ficando meio descrente desses jargões e, pra ser sincero, nunca me preocupei muito com isso. E até hoje tenho dificuldade de aceitar o fim do mundo como é propagado e idealizado no imaginário humano. Creio, sim, na possibilidade do extermínio da humanidade em consequência do fator autodestrutivo do próprio ser humano ou, quem sabe, de grandes cataclismas que possam acabar com a existência do planeta. Mas, mesmo assim, não vislumbro a possibilidade do fim do mundo da maneira como os místicos e apologistas do apocalipse o veem. Acredito que o universo já conhecido comporte muito mais vida do que nosso conhecimento possa conceber.

Maria (100, RJ) faz uma análise crítica semelhante à de Valmir sobre o que ouvia quando criança e as diferenças que percebe em relação aos discursos atuais:

Quando eu era criança, essa referência ao fim do mundo era de cunho religioso. Diziam que o fim do mundo não seria com dilúvio, com água, seria pelo fogo. Essa era a noção de fim do mundo que a gente tinha: todos acabariam e haveria um julgamento final. Hoje a minha noção de fim do mundo é que não haverá fim do mundo. Haverá mudanças, como dizia, acho que Lavoisier, na natureza nada se perde, tudo se transforma. O fim do mundo será o desaparecimento da vida de toda espécie [...] outros mundos surgirão. Então não haverá um fim do mundo definitivo. Haverá o fim do mundo para os seres existentes, mas outras existências surgirão.

Para falar do fim, Maria (100, RJ) evoca a infinitude das possibilidades de existência. Infinitude onde o pensamento de Luana (7, MA) também encontra morada:

Rita: Você já ouviu alguém falar sobre fim do mundo?

Luana: [fica pensando]

Rita: Então, quando eu falo, agora, fim do mundo, qual é a primeira coisa que vem na sua cabeça, você pensa em quê?

Luana: [pensa um pouco]. O mundo é infinito. Seria um mundo que não tem fim.

Rita: Ah, você acha que o mundo não tem fim. Interessante essa ideia. Então, falar do fim do mundo seria uma coisa que você não concorda?

Luana: Isso. O mundo é infinito. É infinito.

Rita: Então ele não acaba nunca.

Luana: É [...].

Rita: E o que é o mundo, me conta o que tem no mundo [...].

Luana: têm pessoas, árvores, casas [...].

Rita: Mais alguma coisa?

Luana: Rios, ruas, carros [...].

Rita: E por que será que falam em fim do mundo?

Luana: É porque quando uma pessoa quer falar de uma coisa que não tem fim, ela fala que é lá no fim do mundo [...].

Rita: Vamos ver se eu entendi: é quando alguém fala de alguma coisa que está muito longe de acontecer, assim, lá longe no tempo [...].

Luana: Isso. Que tá láááááááááááá longe, lá pro fim.

Rita: Ah, entendi [demoro-me um pouco pensando]. E me diz uma coisa: quando é que você vai vir no Rio de novo? [...].

A conversa com Luana (7, MA) foi marcada por um duplo pensar: ela, pensando a respeito de um tema sobre o qual parecia se deparar pela primeira vez, ali, naquele exato instante; eu, pensando, à medida que a conversa avançava, em qual seria o sentido de inaugurar, para ela, essa discussão. “Pataquada!” – certamente sentenciaria minha avó.

Passagem de cometa, pauta de costumes, profecias, roteiros cinematográficos, ficções científicas, mudanças climáticas, guerras, envelhecimento, extinção do planeta, extermínio de espécies, fim de existências, surgimento de outras...fim do mundo em megaventos e silenciamentos de fins cotidianos. Os mais velhos denunciam o uso amedrontador que revestia o tema, e a entonação do *não fim* sugere certo ressentimento de traição. Entre as crianças, familiaridade e maior acesso às informações parecem expandir o tema, relativizando uma possível gravidade.

## Considerações finais

Figura 3 – Polifonias



Fonte: Acervo da autora

A Figura 3, apresentada anteriormente, mostra um fragmento de um mural do Sítio Arqueológico de Teotihuacan, no México, cuja criação remonta ao Século I a.C. e declínio suposto entre os Séculos VII ou VIII d.C. Nele, vê-se figuras humanas em cenas do cotidiano. De acordo com Navas (1999) os ganchos que saem da boca dessas figuras representam a fala ou o canto dessas pessoas. É possível que se trate de uma das primeiras representações da forma verbal de comunicação humana. Quero tomá-la como signo de diálogo, entendido como criação e resistência. Junto às enunciações das crianças e dos mais velhos, compõe uma luta contra o silenciamento – de pessoas, gerações, tempos, histórias, culturas, mundos. O silenciamento é o motor do capitalismo, que, tal qual a pirâmide e a igreja, em Cholula, está amalgamado com a colonização, a escravização, o fascismo, o (neo)liberalismo.

Krenak (2019) apresenta uma provocação sobre o fim do mundo e os esforços pelo seu adiamento. Questiona se toda essa ebulição em torno do fim do mundo não seria também uma forma de naturalizar um fim e, com isso, arrefecer lutas e subestimar o avanço do capitalismo, que hipocritamente transmuta sustentabilidade em mercadoria. Benjamin (2006, p. 708) já avisou que, se fortalecendo das crises que cria, “o capitalismo nunca vai morrer de morte natural”. Fiquemos, então, com a indagação de Krenak (2019): por que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? Por quê?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. In: **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.

GELARD, F. P. “Nem todas as crianças vingam”: infância e violência de Estado. 2023. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ, 2023. Disponível em: <<https://ceiuerj.wixsite.com/estudosdainfancia/texto-completos>>. Acesso em: 7 mai. 2024.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LEÓN-PORTILLA, M. **Visión de los vencidos: relaciones indígenas de la conquista**. Cidade do México: Universidade Nacional Autônoma de México, 2009.

NAVAS, E. M. de O. **Bibliografía especializada**. Teotihuacán. Toluca: Instituto Mexiquense de Cultura, 1999.

**Resumo** Este texto problematiza os sentidos da expressão “fim do mundo” na tensão entre os seus usos cotidianos e os contornos sociais e políticos mais amplos. Para isso, dialoga com crianças e com pessoas mais velhas, de minha rede de familiaridade, com idades entre 5 e 100 anos, de diferentes regiões brasileiras. O tema é trazido pelos mais velhos marcado por uma conotação moral; já as crianças o revestem de signos das mídias. Participam da conversa, ainda, autores como Eduardo Galeano, Miguel León-Portilla e Ailton Krenak.

**Palavras-chave:** fim do mundo, crianças, mais velhos, diálogo.

### **Fin del mundo infinito**

**Resumen** Este texto problematiza los significados de la expresión “fin del mundo” en la tensión entre sus usos cotidianos y contornos sociales y políticos más amplios. Para ello, se dialoga con niños y personas mayores de mi red familiar, con edades entre 5 y 100 años, de diferentes regiones brasileñas. El tema es traído por los mayores marcado por una connotación moral; Los niños ya lo cubren con carteles de los medios de comunicación. En la conversación también participan autores como Eduardo Galeano, Miguel León-Portilla y Ailton Krenak.

**Palabras clave:** fin del mundo, niños, ancianos, diálogo.

### **End of the infinite world**

**Abstract** This text problematizes the meanings of the expression “end of the world” in the tension between its everyday uses and broader social and political contours. To do so, it engages in dialogue with children and older people from my family network, aged between 5 and 100, from different regions of Brazil. The theme is brought up by older people with a moral connotation; children, on the other hand, cover it with signs from the media. Authors such as Eduardo Galeano, Miguel León-Portilla and Ailton Krenak also participate in the conversation.

**Keywords:** end of the world, children, elderly, dialogue.

**DATA DE RECEBIMENTO:** 01/09/2024

**DATA DE APROVAÇÃO:** 14/02/2025



**Rita Marisa Ribes Pereira**

Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil. Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.

E-mail: [ritaribes@uol.com.br](mailto:ritaribes@uol.com.br)